

O PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO DE GABRIEL ALVARADO EM O SENHOR EMBAIXADOR

MARIA HELENA ZANCAN FRANTZ*

Erico Verissimo, ao longo de sua obra, observa perplexo os acontecimentos e transformações que se operam no nosso século e com ceticismo e tristeza constata a repercussão dos mesmos no comportamento e no destino do homem moderno. Com grande amargura vê o homem perdendo aos poucos a capacidade de decisão sobre seus atos e sendo sacrificado na defesa e na perpetuação de interesses que lhe são alheios. Em meio a tantas contradições, tantos conflitos, tantos valores falsos, o homem moderno, desorientado, não consegue mais distinguir o certo do errado. Do confronto desse indivíduo com a sociedade, surgem, como resultado lógico, a insatisfação, a revolta, a frustração, como é o caso de Pablo, Gris, Molina, Vivanco e Rosalia, ou então a desamunização, o oportunismo, a tirania, como é o caso de Gabriel Heilodoro, Glenda, Valêncio, Barrios e Carrera, todos personagens de *O Senhor Embaixador*.¹

A sociedade moderna, numa ânsia de lucro e poder, vai destruindo valores tradicionais e substituindo-os por outros, ou

*FIDENE - Universidade de Ijuí, RS.

¹VERISSIMO, Erico. *O senhor embaixador*. 10.ed. Porto Alegre, Globo, 1977.

Nas citações seguintes será denominado abreviadamente S.E. seguindo-se a indicação da página.

deixando apenas um vazio em seu lugar. Um desses valores é a família; e o romancista parece ver no desmantelamento desta uma das causas da infelicidade e da desorientação do homem contemporâneo. Tanto Flávio Loureiro Chaves como Guilhermino César, em estudos realizados sobre a obra de Erico Verissimo, já demonstraram a importância dada pelo escritor a essa instituição social.² Por isso, na origem dos problemas pessoais da maioria das personagens de *O Senhor Embaixador*, encontraremos desajustamentos familiares. Aí, também, a crise familiar está profundamente relacionada à crise social. Nestes novos tempos a família deixou de ser a célula irredutível da sociedade. A crise e o enfraquecimento desta instituição social contribuiu ainda mais para relegar o indivíduo à solidão, fazendo-o sentir-se ainda mais desorientado e desamparado, aprofundando nele a sensação de ser apenas uma "peça solta" na engrenagem social.

Guilhermino César já chamou a atenção para o fato de que as personagens de Erico Verissimo possuem "o gosto da solidão". Também as personagens de *O Senhor Embaixador* vivem o drama da solidão, do isolamento, que são quase sempre consequências de desajustamentos sociais, de neurose, etc. E na origem do drama pessoal de cada um está uma família mal constituída ou desfalcada, ou, simplesmente, a ausência de uma família. Gabriel Heiliodoro era filho de uma prostituta e não chegara a conhecer seu pai. A mãe de Jorge Molina morrera ao dá-lo à luz; e seu pai parecia culpá-lo sempre por isso. Rosalia, que também era órfã, fora criada por uma tia severa e má e isso fez com que casasse contra a sua vontade com um homem que não amava, só para fugir das garras da tia. Este gesto veio a se transformar, mais tarde, na desgraça dos cônjuges. Pablo, filho único de poderosos latifundiários, vivia amargurado e sufocado pelas chantagens sentimentais feitas por sua mãe; e isto impedia-o de pensar e agir de acordo com suas verdadeiras inclinações. Bill

² Veja-se a este respeito os seguintes estudos dedicados à obra de Erico Verissimo:

- CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre, Globo, IEL, Sec/RS, 1976.

- CESAR, Guilhermino. *O romance social de Erico Verissimo*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (organizador). *Contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre, Globo, 1972.

Godkin e Gris são viúvos e vivem sós, remoendo recordações. Há apenas três casais entre as principais personagens do romance, mas nenhum deles vive em harmonia: O Embaixador e Francisquita possuem filhos e netos; e no entanto ele os deixa a todos no Sacramento e vai sozinho a Washington, onde tem uma amante. O segundo casal é Ugarte e Ninfa; enquanto ela trai o marido com o motorista da embaixada, ele corre atrás das colegiais na saída da escola. O terceiro e o mais infeliz dos casais são Pancho Vivanco e Rosalia, sendo ela a amante do Embaixador. A maioria das personagens são solteiras ou viúvas; e a solidão e o vazio estão presentes na vida de todos.

Solidão, perda da liberdade ou marginalização podem ser também consequências da estrutura social desumana, injusta e violenta que é imposta ao homem moderno. Nossa sociedade está assentada em determinados valores, como a livre concorrência, e para enfrentá-la, para se ter "sucesso", é preciso muita ousadia, coragem, espírito combativo e uma boa dose de oportunismo. Desse modo é que podemos entender os fracassos de Vivanco com a mulher e as demais pessoas que o cercam. Sendo ele um grande tímido e até covarde, não teve condições de reagir, de se impor, e acabou marginalizado, prisioneiro de seus complexos e frustrações. Seu aspecto repelente parece ter sido também um dos componentes das causas de seu fracasso (mostrando-se assim a importância que se dá às aparências, ao superficial). Suas armas de defesa foram a indiferença, o desprezo e, às vezes, a agressividade para com as outras pessoas.

Nesse mecanismo invisível e absurdo, que vai esmagando impiedosamente os mais fracos, torna-se cada vez mais difícil, senão impossível, apontar os culpados e os inocentes. Todos são, no fundo, apenas vítimas sem possibilidades de opção. E nesta luta desigual o indivíduo cai subjugado pela "engrenagem". E o sacrifício de sua liberdade e até de sua própria vida não contribui para alterar em nada o processo dominador desta "engrenagem" que segue em frente, sacrificando novas vítimas. Por isso, uma personagem de **O Prisioneiro** chegará à conclusão de que o que é preciso destruir é a "engrenagem".³

³ VERISSIMO, Erico. **O Prisioneiro**. Porto Alegre, Globo, 1967.

As personagens de **O Senhor Embaixador** acabam todas sendo corrompidas ou esmagadas por esse mecanismo violento. Somente Pablo consegue permanecer puro, incorruptível, reagindo a todas as armadilhas preparadas pelo sistema para corrompê-lo; mas no final é levantada a probabilidade de vir a ser esmagado, uma vez que se recusa a aceitar as novas regras do jogo. Foi o mesmo que aconteceu com Gris. Aqueles que não estão dispostos a se deixar corromper e reagem, acabam sendo eliminados. Outros deixam-se levar e procuram tirar partido disto. É o que acontece com os ditadores, principalmente com Carrera, que parecia pretender instaurar a justiça social no seu país, mas, uma vez no poder, acabou transformando-se num tirano igual aos outros. O mesmo acontece com Gabriel Heliodoro, Valêncio e Barrios. Os mais fracos como Molina, Vivanco e Rosalia ou são marginalizados, ou esmagados sem piedade. No entanto, todos são atingidos de um modo ou de outro.

O caso mais exemplar, porém, é o de Gabriel Heliodoro, o Embaixador da República do Sacramento em Washington. Ele é, no fundo, uma pessoa boa; as circunstâncias da vida é que acabam por corromper-lhe a consciência. O narrador o apresenta mais como uma vítima do que como um culpado. Pessoa de origem humilde, tendo passado na infância por toda sorte de restrições e humilhações, chegará a ocupar mais tarde o cargo de embaixador de seu país, apesar de nem ter sequer terminado o curso ginásial. Mas o preço de sua ascensão foi a sua degradação. numa sociedade construída sob falsos valores, cujos princípios injustos discriminam a maior parte de seus membros, só há lugar para aqueles que se submetem ao seu jogo sujo, para aqueles que não possuem uma consciência crítica. E foi isto que sucedeu com Gabriel Heliodoro. Ele queria subir e ocupar um lugar dentro daquela sociedade. Para isso apegou-se a todos aqueles meios que lhe eram oferecidos, sem preocupar-se com perguntas de ordem ética. Absorveu todos aqueles falsos valores que acabaram por deteriorar sua consciência também.

A fragilidade do indivíduo frente ao contexto social é, segundo Loureiro Chaves, um dos temas permanentes da obra de

Erico Verissimo.⁴ Em **O Senhor Embaixador**, vemos Erico Verissimo retomar este tema, mostrando a desorientação do homem frente a uma sociedade feita de símbolos e abstrações, o que não deixa de ser mais uma forma de dominar e destruir o homem moderno. Este é mais um aspecto que o escritor denuncia como sendo uma terrível ameaça à liberdade e à segurança do homem moderno. Ao mesmo tempo em que é dominado pelos símbolos, pelas abstrações, ao mesmo tempo em que suas ações e seu comportamento são por eles dirigidos, ele é levado a defendê-los como valores seus, até com o perigo da própria vida. Então o homem mata, tortura e explora os outros homens em nome de abstrações, como "legalidade", "liberdade", "democracia", "justiça", defesa da "Civilização Ocidental Cristã", da "segurança nacional", da "ordem pública", etc. Dominado por uma estrutura social repressiva e mistificadora, o indivíduo deixou de ser sujeito para se transformar em objeto. Não é mais senhor do processo social, que não consegue mais compreender e dominar, mas uma vítima indefesa e domesticada, já sem vontade própria.

Pablo começa a dar-se conta da gravidade desse fato, quando, por ocasião de seu engajamento na luta revolucionária, comanda um ataque noturno a um grupo inimigo. Na operação morrem diversas pessoas e Pablo, que lutava contra a alienação e a depravação de sua consciência, percebe o perigo da situação; e em conversa com um amigo expõe-lhe a sua preocupação:

Mas o que me assusta mais é a idéia de que procedi como se fosse matar abstrações, símbolos e não criaturas humanas...

- Essas criaturas humanas, por sua vez, defendiam também outras abstrações: a legalidade, o Governo, a honra do Regimento, etc...

- Isso! Não é terrível?"(S.E., ed. cit., 331)

Mas, é através de Gabriel Heliodoro, uma de suas mais fascinantes personagens, que Erico Verissimo, em **O Senhor Embaixador**, faz a denúncia dessa sociedade reificada que desumaniza, degrada e corrompe o homem.

Gabriel Heliodoro é uma personagem complexa a ponto de pa-

⁴ Veja-se a este respeito o estudo de Flávio Loureiro Chaves citado anteriormente.

recer contraditória. O próprio leitor vacila todo o tempo entre um sentimento contraditório de simpatia e antipatia para com ele. Mas, no final, ninguém deixa de lamentar a sua sorte. O sentimento de antipatia é despertado mais por seus "pecados" de ordem social, do que por aqueles de ordem moral. Mas, no fundo, dificilmente o leitor conseguirá antipatizar realmente com ele. Gabriel Heliodoro é uma personagem radiante, extremamente simpática, um "sedutor consumado". Dotado de simplicidade e naturalidade, possui uma alegria jovial e contagiante. Vive com desinibição, coragem e paixão. Ama a natureza. Acredita mais na força dos instintos do que na razão. Capaz de ser amigo fiel e leal é franco também consigo e com os outros:

... todo o pessoal da embaixada estava encantado com Gabriel Heliodoro. Ele era afável, comunicativo, generoso; entrava todas as manhãs na chancelaria, dando sonoros e largos bons-dias, os dentes à mostra (S.E. ed. cit.. p.179).

Tipo tão sem formalismos é, que chegou a ser classificado de "primitivo" por seu camareiro:

Não tem cultura, nem a menor noção de literatura, pintura ou música. Mas é inegavelmente inteligente. Possui a inteligência do instinto (S.E., ed.cit., p. 198).

Mas, por outro lado, é também um patife e duplamente traidor. O homem que é capaz de uma fidelidade suicida para com seu compadre Carrera (paga com sua vida pela liberdade deste) é o mesmo que trai seu povo, sua mulher, e até sua amante. Não tem escrúpulos de inventar um falso pretexto que permite ao ditador dar um novo golpe de Estado para manter-se no poder. É oportunista; faz um casamento de conveniência para ter acesso à classe alta, enriquece através de transações corruptas. É amigo íntimo e compadre do cruel ditador Carrera, a quem apoia e defende.

No confronto entre esses dois lados da personalidade de Heliodoro há o predomínio de seu lado positivo, simpático, que cativa o leitor apesar de todos os seus defeitos. O romancista teve sempre o cuidado de apresentá-lo como um indivíduo digno

de simpatia e compreensão apesar dos seus "pecados". Interessa-lhe aqui mostrar que não é possível fazer uma divisão maniqueísta da humanidade colocando de um lado os bons, de outro os maus. Com esta personagem o narrador parece querer afirmar que o homem é um ser complexo e que precisa ser visto para além de sua superfície. Sendo, pois, Heliodoro uma personagem complexa, ele consegue surpreender muitas vezes, tomando atitudes opostas àquelas que se esperava dele a partir do modo de ser que transparece na superfície. Por exemplo: ambicioso, oportunista e amante da vida e dos prazeres que esta lhe oferecia, era de se esperar que tomasse a mesma atitude de Ugarte e outros, fugindo para a Suíça, quando viu que o governo ao qual pertencia estava perdido. Mas, contrariando tudo o que se esperava de um tipo como ele, opta pela luta ao lado de seu compadre. Com este gesto demonstrou ser consequente e leal, virtudes que parecem não poder coexistir com os vícios que possui.

Por ser apresentado como um homem temperamental e violento, era também de se esperar que reagisse com violência, quando Pablo chamou-o de assassino e ladrão, ao comunicar-lhe sua demissão da Embaixada. Mas, ao contrário, permanece calado, ouvindo as acusações de Pablo. Comporta-se mais como um pai compreensivo diante de um filho revoltado. Aliás, nos confrontos destas duas personagens antagônicas não há atritos nem rompimentos, apesar da divergência de pontos de vista. Ao contrário, o movimento é de aproximação, pela capacidade de compreensão e tolerância que ambos possuem. Entre eles não há rancor, mas sim uma inconfessada, irresistível simpatia. Essa atitude humana e compreensiva do Embaixador faz também com que aumente a simpatia do leitor para com ele, o que não aconteceria, talvez, caso ele reagisse com violência contra Pablo, que divide com ele a preferência do leitor.

O narrador preocupa-se também em investigar as causas do comportamento de Gabriel Heliodoro no que ele possui de negativo, encontrando suas origens numa infância pobre e infeliz, marcada principalmente pela vergonha de ser o filho de uma prostituta, pelo desgosto de não haver conhecido seu pai, e por sentir na carne as agruras reservadas àqueles que possuem a sua

condição social. Tudo parecia conspirar para fazer dele "um bandido vulgar, um eterno revoltado" (S.E. p.225). No entanto, ele venceu na vida. Mas essa escalada fez-se, muitas vezes, às custas de oportunismo, desonestade e corrupção. Porém, desde menino, presenciara cenas carregadas de violência e injustiça que o marcariam para o resto da vida. Aos dez anos de idade, em sua pequena aldeia natal, presenciara o fuzilamento de 50 homens escolhidos entre os habitantes da vila, que deveriam pagar pela morte de dez policiais que haviam sido eliminados pelos guerrilheiros que combatiam a ditadura de Chamorro:

Chorando de pena, rilhando os dentes de raiva, eu vi e ouvi tudo, trepado numa árvore. (...) Mesmo que eu viva mil anos não vou mais esquecer o quadro: as mulheres de preto, chorando e rezando um terço em coro. Um desmaiavam. Outras tinham ataques histéricos. Outras rolavam pelo chão gemendo. O sol era de derreter os miolos dum cristão. Na minha cara, suor e lágrimas se misturavam, me entravam na boca como uma salmoura. Eu não queria olhar para o muro, mas olhava. (...) E assim, Pablo, eu vi amigos meus, gente que eu conhecia, gente que eu estimava, ir caindo, em grupos de quatro... Uma sangueira medonha sujava o muro e o chão. Passei dias sem poder me livrar daquele cheiro de carne humana podre, de sangue quente, de pólvora e de poeira... Coisas como essa marcam um homem para o resto da vida (S.E., ed. cit., 52-53).

O autor investiga a história da vida de sua personagem, à procura das causas que expliquem o seu comportamento. A vida o feria e o maltratava e ia ensinando-lhe lições inesquecíveis. E, observando a vida, sofrendo agressões de toda a ordem, ele foi aos poucos se desumanizando, se deixando corromper. A sorte de miséria e submissão que a vida lhe tinha reservado, já a partir de sua origem, decidiu não aceitá-la, qualquer que fosse o preço. E neste esforço para contrariar o seu destino Gabriel Heliodoro foi absorvendo a ideologia dos dominadores, comprometendo-se com eles e sendo ao mesmo tempo por eles dominado. Com isso, seu gosto, suas idéias, seu comportamento iam se adaptando às novas circunstâncias. Deste modo é que se pode explicar, por exemplo, a mudança de seu comportamento frente aos americanos, que ele tanto detestava quando criança e que passa mais tarde a considerar amigos e aliados.

Esta mudança que se operou nele e que ele designa como "fantástica" é apenas um dos sinais de sua degradação, de sua absorção pelo sistema. A política americana não tinha mudado em nada, desde aquela época. Ele foi quem mudou. Ele próprio não consegue compreender o processo através do qual se deu esta mudança, nem como aquele menino pobre e faminto de Soledad del Mar chegou a ocupar o cargo de embaixador e a acumular tanta riqueza.

A medida que ele se engajava numa luta por dias melhores para si e para seu povo e que ia escalando os degraus do poder, foram se operando nele mudanças fundamentais, sem que pudesse ou quisesse percebê-las conscientemente. Assim que, mais tarde, ele e seu compadre e amigo, o ditador Carrera, se tornariam os representantes simbólicos de outro regime totalitário e igualmente cruel. Ele, que tanto sofrera e condenara a violência, passará, mais tarde, a defendê-la e fazer uso dela, sem acreditar por isso que esteja fazendo algo condenável. Sabendo que no mundo de hoje a violência instalou-se de tal maneira que quem não a pratica, sofre-a, ele, que por muito tempo esteve do outro lado, sofrendo-a, quer continuar a defender a posição ocupada do lado oposto, embora não acredite que esta posição dure eternamente.

Alvarado era possuidor de inúmeras características positivas que poderiam ter feito dele antes um combatente da violência e da tirania do que seu agente. Mas, na verdade, isso não aconteceu e todas essas qualidades foram canalizadas pela "engrenagem" corruptora e postas a serviço dela mesma. Assim, pessoa capaz de sensibilizar-se diante do sofrimento alheio e emocionar-se diante da beleza da natureza, Gabriel Heliodoro é, ao mesmo tempo, capaz de dar todo o seu apoio e amizade a um ditador cruel e corrupto como Carrera. É Bill Godkin, velho liberal e jornalista americano, que conheceu ambos já em tempos passados, antes de suas consciências terem sido degradadas, que, observando-os mais tarde não pode deixar de esconder sua perplexidade diante dos fatos mais recentes. E em conversa com a esposa morta, como o faz seguidamente, pede-lhe uma explicação para o que sucede:

Ruth, querida Ruth! Se tivesse visto como eu vi, há quase 35 anos, na Serra da Caveira, as caras moças e curtidas de vento e sol de Juventino Carrera e Gabriel Heliodoro Alvarado! Quantas idéias libertárias naquelas cabeças! Que brilho de esperança e quantas curiosidades, apetites e promessas naqueles dois pares de olhos! Eles queriam libertar seu povo da tirania, estabelecer a justiça social... No entanto, vê, minha querida, o que eles são agora... Qual é a resposta, Ruth? Será que tudo se deteriora com o tempo? Tudo? (S.E., ed.cit., p.203).

Esta é, na verdade, uma pergunta que subjaz ao texto escrito por Erico Verissimo. Será que tudo se deteriora?

Como e por que as pessoas se deterioram? E sua investigação segue na busca de uma resposta que ninguém consegue lhe dar. Talvez só Deus o saiba. Mas Deus é uma incógnita ainda maior, segundo Erico.

Pablo Ortega, o humanista que se faz muitas vezes de portavoz das idéias do autor, está também preocupado com estas incógnitas. Tendo convivido algum tempo com Gabriel Heliodoro, e conhecendo por isso os seus pecados e defeitos, sente, contudo, que existe algo mais procurado e inexplicável do que aquilo que transparece na superfície de sua personalidade: "Esse homem não deve ser tão simples como parece" (S.E. 175). E, apesar de ter "todas as razões para odiá-lo", não o odeia. Por isso, no final do romance, o autor usa de um recurso destinado a colocar essas duas personagens frente a frente, numa espécie de jogo da verdade. Pablo apresenta-se para defender o ex-embaixador que fora preso pelas forças revolucionárias e, sabia-se, previamente condenado à morte. O ex-diplomata aproveita a ocasião da entrevista que mantém com o prisioneiro para pedir-lhe explicação para uma série de interrogações que tinha sobre o comportamento deste. Da mesma forma que o jornalista americano, ele buscava uma resposta para o grande desvio operado na vida e na personalidade do seu ex-embaixador:

Você veio de baixo, era um menino pobre, descalço, esfarrapado, esfaimado, miserável... Viu seus amigos fuzilados e torturados pelos soldados de Chamorro. Aos vinte e um anos, juntou-se aos revolucionários de Carrera e arriscou sua vida para destruir o ditador. Prometeu ao povo de sua terra justiça e

uma vida melhor, mas acabou esquecendo suas promessas por completo. Fez um casamento rico, tornou-se um figurão da República, agiu sem escrúpulos, e acabou sendo o maior amigo de Carrera, que se transformou num ditador ainda mais cruel que Chamorro. Por quê? Por quê? Por quê?

- Não pergunte isso a mim. Pergunte a Deus. Mas Deus é o grande mudo. Ninguém descobriu ainda o que Ele quer. Eu só sabia uma coisa. Possuía um corpo e esse corpo me pedia coisas que eu não negava... Ninguém, nada está mais perto de um homem que seu próprio corpo... Desde a hora em que nasce, até a hora em que morre... (S.E., ed. cit., p.369).

Pela resposta de Gabriel Heliodoro percebemos que nem ele próprio tem noção de como e porque se operaram nele essas mudanças. Sabe apenas que agiu conforme os apelos de seus instintos, que para ele se resumiam praticamente num só: o instinto de sobrevivência. Tendo nascido pobre e sendo durante toda a infância, adolescência e parte da juventude apenas um "pobre hijo de una chingada", sentia-se marginalizado, excluído de todas as "chances que a sociedade oferecia àqueles que possuiam poder e riqueza, Mas ele se recusou a aceitar o destino que lhe haviam reservado. E para isto era preciso aprender a jogar o jogo dos donos do poder e a manejar as mesmas armas usadas por eles, domesticar a memória para que esquecesse o passado e viver apenas o aqui e o agora, aceitando todas as "chances" que se lhe apresentassem, para se compensar daquilo que desde o berço lhe havia sido negado. Aprendeu, então, que o poder consegue-se através da violência e a riqueza, através da corrupção. Não tendo um nome, nem pertencendo a uma família tradicional, restava-lhe a alternativa de conseguir ambos através de um casamento por conveniência. E neste processo de adaptação às regras do jogo estabelecidas vai corrompendo-se lentamente, irreversivelmente. Adota todos os princípios dos dominadores e incorpora-os à sua própria vida e a seu modo de ser. Quer ser vencedor de qualquer maneira porque, segundo ele, "a razão está sempre do lado dos vencedores". E para alcançar seus objetivos acredita que os fins justificam os meios. Deste modo vai aos poucos desumanizando-se, deixando-se perverter pelos falsos valores da sociedade. Acredita apenas na força, na coragem e na paixão como valores pessoais. A mansidão, segundo ele, não leva

a nada aqui neste mundo; e o outro é tão incerto...

... nosso Pe. Catalino costumava citar aquele versículo da Bíblia: Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. Nunca acreditei nisso. Os mansos podem herdar o Céu. A terra, Pablo, essa é dos bravos (S.E., ed. cit., 373).

**UM MOINHO...
OU UM TINTEIRO?**

**THAT IS THE
QUESTION**

